

A PERSPECTIVA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO.

Fernanda Gonçalves Gomes¹
Flávia Danieli de Souza Barbosa²
Daniela Emilena Santiago³

RESUMO: O presente estudo, de natureza teórico-prática, tem como objetivo realizar uma reflexão em torno da questão da avaliação escolar. Para tal, além do estudo teórico a respeito da questão da avaliação também realizamos a entrevista com uma professora que atua em escola pública com a qual discutimos a perspectiva da referida entrevistada a respeito da avaliação escola. Concluímos que a professora, sujeito da pesquisa, possui uma perspectiva dual sobre a avaliação uma vez que fortalece a noção de avaliação processual e construtivista mas também defende a utilização de métodos tradicionais de avaliação. Nesse sentido, observamos que algumas falas destoam do que é entendido como um processo de avaliação, contrariando até mesmo o que é posto pela BNCC em relação a avaliação na educação básica, demonstrando assim que há muito a se avançar na reflexão e na adoção de práticas avaliativas mais humanas e relacionadas com o que é defendido atualmente.

Palavras-chave: Avaliação Escolar; Avaliação Processual; Avaliação Tradicional.

ABSTRACT: The present study, of a theoretical and practical nature, aims to reflect on the issue of school evaluation. To this end, in addition to the theoretical study on the question of evaluation, we also conducted an interview with a teacher who works in a public school with whom we discussed the perspective of the interviewee regarding school evaluation. We conclude that the teacher, subject of the research, has a dual perspective on the evaluation since it strengthens the notion of procedural and constructivist evaluation but also defends the use of traditional evaluation methods. In this sense, we observe that some statements are at odds with what is understood as an evaluation process, contradicting even what is put by BNCC in relation to evaluation in basic education, thus demonstrating that there is much to be done in the reflection and in the adoption of practices more humane evaluations and related to what is defended today.

Keywords: School Evaluation; Procedural Evaluation; Traditional Assessment.

¹ Fernanda Gonçalves Gomes é graduada em Pedagogia pela Unip, campus Assis. O presente texto discute algumas reflexões realizadas durante a análise da educação brasileira realizada em virtude de ter participado de iniciação científica na Unip onde desenvolveu a pesquisa com o título: “Brasil e Espanha: um estudo comparativo da organização do ensino fundamental I”. Atualmente é professora substituta da rede de educação de Assis. Realiza pesquisas na área de gênero e educação comparada. E-mail: fergomes2308@gmail.com

² Flavia Danieli de Souza Barbosa é Pedagoga, Diretor de Escola na rede municipal de educação de Assis-SP. Coordenadora e Docente do curso de Pedagogia da UNIP, Assis. Mestre em Educação pela Unesp, Marília. Realiza estudos na área de gênero, violência contra crianças e adolescentes, inclusão educacional e gestão educacional. E-mail: flaviadanis@ig.com.br

³ Daniela Emilena Santiago é Assistente Social, docente dos cursos de Psicologia e Pedagogia da Unip, campus Assis-SP. Mestre em Psicologia e História pela Unesp e Doutoranda em História pela Unesp, Assis. Desenvolve pesquisas na área de gênero, violência, políticas sociais, desenvolvimento infantil e religião. E-mail: santiago.dani@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A questão da avaliação escolar tem se mostrado como um dos assuntos de grande mobilização entre estudantes de Pedagogia, Coordenadores Pedagógicos de Escola, Diretores e pensadores da área educacional. Apesar de haver muitas particularidades que envolvem o tema e por analogia temos um grande número de perspectivas diferenciadas sobre o que configura, de fato, uma avaliação, é basal reconhecer que a avaliação integra e, muitas vezes, conforme o processo educacional. De tal maneira, hoje, pensamos a educação de forma processual, considerando o desenvolvimento de habilidades e competências de cada aluno.

Em que pese todas as questões que demarcam o processo de avaliação escolar é fundamental aproximações a essa questão a fim de aprofundar, ainda mais, nosso conhecimento sobre o tema. O nosso interesse em relação ao mesmo partiu de reflexões a respeito da questão da avaliação a partir de nossa inserção como professor do ensino básico, professor de ensino superior e diretor de escola, como indica a designação dos autores desse artigo.

Para a discussão proposta realizamos uma entrevista com uma professora que atua na educação pública de Palmital, município de médio porte do interior do estado de São Paulo. A intervenção foi estruturada por meio de entrevista semi-dirigida uma vez que apenas apresentamos eixos para a discussão da entrevistada. Nesse tipo de abordagem, conforme Minayo (1994) é requerido que o entrevistador discorra de forma livre sobre os temas abordados. Após a realização da entrevista foi possível concluir qual é a perspectiva do educador sobre a avaliação e observamos presentes em suas colocações tanto o entendimento de uma forma emancipadora de educação mais voltada ao construtivismo quanto ainda alguns resíduos do formato mais tradicional de se ler a avaliação.

Consideramos que o texto é extremamente válido e interessante para estudantes de Pedagogia, professores, coordenadores pedagógicos, diretores, familiares e para todos aqueles que possuem relações com a questão educacional. Em tempo gostaríamos de registrar que há um grande contributo nesse artigo pelo fato de que o mesmo foi estruturado a partir da fala de um professora que está inserida no processo pedagógico em escola pública. Por conseguinte, trata-se de um texto extremamente válido porque dá

voz ao educador, àquele que está atuando no processo pedagógico no dia-a-dia. E, possivelmente em virtude disso possa ter uma alcance de interessados ainda maior. Em linhas gerais o que esperamos é que possamos, de forma indireta, motivar a revisão de conceitos sobre avaliação e possamos ainda que a longo prazo, colaborar com a melhora da forma com que nos relacionamos com a educação.

O texto em pauta segue organizado da seguinte maneira: inicialmente apresentamos um breve histórico da educação enfatizando como a avaliação era usada e compreendida na abordagem tradicional de ensino. Também abordaremos no item inicial conceitos e conteúdos relacionados a educação na contemporaneidade, indicando como a mesma vem sendo compreendida segundo a BNCC. E, na sequência apresentamos a entrevista realizada com a professora.

2. A AVALIAÇÃO ESCOLAR: APROXIMAÇÕES AO CONCEITO

A avaliação escolar historicamente é vista pelos alunos como um instrumento de punição. Nesse sentido, a avaliação tem sido usada historicamente como um meio de controle dos alunos e no qual aquele que não se desenvolveu como deveria recebe a nota de acordo com seu “rendimento”. Os que estão integrados no processo pedagógico são os que receberão uma boa nota ao passo que os demais serão castigados por não se apropriaram do processo pedagógico.

Além do caráter de punição, a avaliação escolar era também um método em que se quantificava o aluno com uma nota apenas, não considerando o contexto. Nesse tipo de abordagem a relação professor-aluno é tida verticalmente, em que o professor é apresentado como o detentor do conhecimento. O aluno estaria em posição de submissão em relação ao professor. Nesse formato temos uma educação “bancária”, em que o professor deposita os seus conhecimentos em seus alunos durante as aulas, e cobra, realizando o “saque”, no momento da prova. Nesse formato a avaliação reforça a relação hierárquica entre professor e aluno e além de um dispositivo de punição também passa a ser usada como um meio de fortalecer o poder do docente.

Segundo Foucault (2009), após 1762, a escola segue o modelo hegemônico e hierárquico do poder, evidenciando essa educação vertical e potencializando ainda mais o modelo de professor depositador de seus conhecimentos, diminuindo o aluno apenas

como um repetidor de seus conhecimentos. Para Foucault (2009, p. 164), o poder disciplinar

[...] é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.

Utilizam a avaliação, como um método, até mesmo, punitivo. Não somente para o contexto do desenvolvimento da aprendizagem do aluno, mas também para o caráter disciplinar. Segundo Foucault (2009, p. 178), “a escola torna-se uma espécie de aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino”. Isso com um ângulo tradicionalista, em que a transmissão de conhecimentos não tinha como objetivo o desenvolvimento do indivíduo e sua autonomia.

O ato de avaliar é relacionado diretamente ao espaço escolar, mas realizamos avaliações cotidianas em nossas vidas, seja ela profissional, pessoal, social, e uma vez que é criado esse tabu ao entorno da palavra avaliação, o indivíduo na vida adulta pode ter um relacionamento diferente do esperado com diversas situações que possam surgir quando se trata de avaliação. Segundo Vasconcellos (2009, p. 29),

O ato de avaliar na vida cotidiana dá-se permanentemente pela unidade imediata de pensamento e ação, a partir de juízos, opiniões assumidas como corretas e que ajudam nas tomadas de decisões. Ao fazer juízo visando a uma tomada de decisão, o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, sua capacidade intelectual, suas habilidades, sentimentos, paixões, ideais e ideologias. Nessas relações estão implícitos não só aspectos pessoais dos indivíduos, mas também aqueles adquiridos em suas relações sociais.

É um processo que a criança aprende o seu significado no ambiente escolar, e se for exposto de forma negativa a ela, pode diretamente arremeter negativamente também para o processo de formação desse sujeito, em que ela sempre veja a avaliação como um instrumento de punição e não de possibilidade de progresso e evolução.

Felizmente, com a evolução dos métodos aplicados na pedagogia, a avaliação que sempre vem sendo discutida por pesquisadores, e Hoffman (2008) é uma grande referência nesse assunto, uma grande estudiosa na qual nos pautamos, por enxergar a avaliação como um instrumento no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ainda temos diversos resquícios da pedagogia tradicional em nosso cotidiano escolar, seja na avaliação ou em outros aspectos de fato, mas a avaliação ainda é necessário que se

quantifique com uma nota o aluno, porém, vemos a avaliação como um *feedback* do trabalho docente, em que ele traz aquelas crianças para o seu momento na sala de aula, de forma expositiva e participativa, com itens que façam sentido para eles, pois somente assim despertará o interesse real e poderá então, demonstrar que a avaliação, nada mais é, que uma forma de saber o que eles entenderam sobre aquele conteúdo e ter esse instrumento como forma de apoio para continuidade de seu trabalho.

De acordo com Hoffmann (2008, p. 17), a avaliação é

[...] uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo

Como o docente avalia a criança é algo particular dele, pois o resultado que ele aplica naquele papel da “prova”, nem sempre é algo que reflete o aluno que ele é durante o desenvolvimento das aulas, portanto, vê-se a importância de que a avaliação aconteça de forma processual e conjunta. Unindo fatores para entender a situação do aluno que expôs de determinada forma no papel, e então, procurar situações de ensino-aprendizagem que o fará progredir. Hoffman (2009) fala sobre a avaliação mediadora, sendo essa situação em que ela faz parte de um processo e não apenas da conclusão de um trabalho. Para Hoffmann (2009, p. 116),

A perspectiva de avaliação mediadora pretende, essencialmente, opor-se ao modelo do ‘transmitir-verificar-registrar’ e evoluir no sentido de uma ação reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de ideias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as.

Nota-se a preocupação de romper com o método tradicional de que a avaliação era enraizada por tanto tempo, e utilizar essa ferramenta como um item para a continuidade do trabalho docente.

Há também a preocupação das formas que os profissionais discutem a avaliação nos currículos educacionais, então o MEC traz uma nota:

[...] avaliação na escola não pode ser compreendida como algo à parte, isolado, já que tem subjacente uma concepção de educação e uma estratégia pedagógica. [...] A educação escolar é cheia de intenções, visa a atingir determinados objetivos educacionais, sejam estes relativos a valores, atitudes ou aos conteúdos escolares. A avaliação é uma das atividades que ocorre dentro de um processo pedagógico. Este processo inclui outras ações que implicam na própria formulação dos objetivos da ação educativa, na definição de seus conteúdos e métodos, entre outros. A avaliação, portanto, sendo parte de um processo maior, deve ser usada tanto no sentido de um acompanhamento do desenvolvimento do estudante, como no sentido de uma apreciação final sobre o que este estudante pôde obter em um determinado período, sempre com vistas a planejar ações educativas futuras. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA, 2007, p. 18 - 20)

Portanto, a avaliação é necessária que seja contemplada dentro do desenvolvimento do trabalho do docente, e não apenas como uma forma de conclusão avaliativa, a fim de quantificar o aluno. Os diversos fatores que devem ser levados em consideração são itens fundamentais que o professor da sala de aula deva discutir com seu coordenador pedagógico e até mesmo o diretor da unidade escolar, uma vez que o aspecto social e emocional reflete diretamente no resultado da avaliação daquela criança.

A Base Nacional Curricular Comum ou BNCC como ficou popularmente conhecida é um documento que orienta o processo de ensino no Brasil. Nela há indicações de conteúdos programáticos, competências e habilidades que devem ser construídas com os alunos em seu processo pedagógico. As indicações são apresentadas segundo o ano escolar frequentada pelo aluno e são divididas por disciplina. No documento em questão que é, como sabemos extremamente amplo, temos ainda indicações sobre a questão metodológica e a respeito da avaliação (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA, 2017).

Analisando o documento em questão observamos que não há em todas as suas indicações qualquer menção específica com relação a obrigatoriedade de utilização de provas como meio de avaliação. Antes, o dispositivo indica a importância de realizarmos a avaliação processual. De forte inspiração construtivista, a BNCC coloca que há necessidade para que seja realizado um acompanhamento, uma avaliação caso a caso em que seja possível identificar se os alunos conseguiram ampliar seus conhecimentos, suas competências e habilidades. Portanto, de acordo com a BNCC precisamos analisar os alunos individualmente e para além de notas em provas é preciso pontuar qual foi o desenvolvimento do aluno ao longo de certos períodos.

Para isso é vital que o docente possuía conhecimento sobre os alunos e que esse saber seja sistematizado em documentos oficiais da escola. É essa sistematização que

permite ao docente a análise caso a caso buscando assim identificar o processo evolutivo do aluno, ou seja, quais foram as aquisições do aluno nesse período?. Quais foram os saberes construídos?. O aluno, desde que ingressou nesse ano, conseguiu desenvolver suas competências e habilidades ou não. De modo que a avaliação não analisa somente o aluno por meio de uma prova mas por uma série de dispositivos que também retratam todos os esforços do docente em prol do desenvolvimento do aluno. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA, 2017).

Para compreender como essa avaliação é implementada ou ao menos é percebida, na prática, pelos docentes é que realizamos a entrevista junto ao professor a qual, segue descrita no item subsequente.

3. A FALA DE UMA PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AVALIAÇÃO

A entrevista em questão foi agendada previamente com a professora. Também apresentamos ao sujeito entrevistado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para fins de entrevista. A entrevista não foi gravada uma vez que o sujeito da entrevista não concordou com a gravação. Assim, elaboramos as perguntas e realizamos a entrevista de forma convencional. A medida que a professora foi respondendo fomos anotando as respostas em um caderno. Aqui apresentamos as sínteses das questões auferidas, e, para não expor a participante da pesquisa usaremos apenas a inicial do nome do sujeito da entrevista, representado pela letra T. Para o desenvolvimento deste trabalho fomos ao encontro da professora T. da rede pública da cidade de Palmital, em que nos explicou sobre sua compreensão do assunto da avaliação.

As perguntas que elaboramos foram as seguintes: 1) Há quanto tempo você está na docência?; 2) Qual a metodologia que você desenvolve em suas avaliações? e 3) Você acredita que o método avaliativo evoluiu ao longo dos anos?. As questões foram apresentadas à entrevistada que, foi respondendo uma a uma. Abaixo a apresentação das respostas conferidas. Para melhor entendimento do que foi discorrido no processo de entrevista apresentamos abaixo pergunta e resposta, seguida da análise dos conceitos.

No que diz respeito a questão 1, sendo essa: “1) Há quanto tempo você está na docência?”, T. nos colocou que atua na educação básica há 7 anos, em escola pública e atualmente está com uma sala do segundo ano do ensino fundamental. Dessa forma,

podemos inferir que a professora já possui um certo tempo de experiência no ensino fundamental. Pelo fato de estar vinculada ao ensino fundamental público está também condicionada pelos parâmetros conferidos pela BNCC em relação a atuação.

No seguinte questionamento, sendo essa a seguinte questão: “2) Qual a metodologia que você desenvolve em suas avaliações?”, e que evocava uma colocação sobre os métodos avaliativos que utiliza atualmente, sendo essa uma questão basal para as discussões que propomos, T. comenta várias vezes sobre a avaliação diagnóstica e sua importância. Ela realizou a avaliação diagnóstica logo no início do ano letivo para saber de onde partir com seu trabalho naquela sala de aula. Nos comenta sobre algumas dificuldades já que alguns alunos já chegavam alfabéticos e outros ainda pré-silábicos, em que a partir de então, tentava realizar atividades diferentes para cada aluno que necessitasse, mas claro, por falta de tempo e apoio, sempre algum aluno sai prejudicado, seja o que está mais adiantado ou o que está um pouco mais atrasado.

Nessa fala vemos presente vários aspectos que nos permitem inferir que na prática da professora há tanto a presença de abordagens construtivistas, quanto há ainda representações do tradicionalismo. A perspectiva de sondagem, por exemplo, e a consideração das perspectivas individuais dos alunos são propostas de autores como Hoffmann (2009), por exemplo. Para a autora a avaliação diagnóstica é fundamental para orientar o processo pedagógico. Vemos ainda que essa conduta vem de encontro ao que a autora e também o Ministério da Educação e da Cultura (2007) propõe pelo fato de demonstrar a utilização da avaliação como suporte ao processo de planejamento das ações pedagógicas uma vez que é a partir dessa sondagem que a professora tem todo o processo pedagógico orientado.

Na fala temos ainda a presença de indicativos comuns à educação brasileira tais como, “falta de tempo”, “falta de apoio” e que comprometem, muito o cotidiano das práticas pedagógicas. Afinal, tempo, apoio são essenciais para que se possa promover uma educação de qualidade. Mas, é no mesmo trecho que vemos ainda a presença de termos ligados à abordagem tradicional. Ao indicar que há alunos “adiantados” e alunos “atrasados” vemos a presença de perspectivas tradicionais nas quais tínhamos a utilização da avaliação para separação dos alunos em capazes e incapazes. Temos na fala da professora os resíduos de uma abordagem tradicional de ensino e também de uma forma ainda arcaica de usar a avaliação de forma a separar os alunos dentro da sala de aula.

Como se o resultado da avaliação diagnóstica, da sondagem apresentasse um tipo de rendimento que permitisse diferenciar os alunos (HOFFMANN,2009).

Não é o caso no entanto, de desqualificar postura e fala do sujeito da entrevista mas sim de pensar como essas condutas ainda estão presentes no cotidiano das práticas pedagógicas e pensar, a longo prazo, como minimizar a influência dessas perspectivas/posturas. Importante frisar ainda que há que se considerar o quanto de influência para a aprendizagem do aluno há se acaso o mesmo “perceber” como está sendo rotulado a partir da análise diagnóstica docente.

Segundo a entrevistada o ANA muitas vezes não demonstra a evolução que cada aluno tem obtido durante o ano, apenas classificando-o. A Avaliação Nacional de Alfabetização analisa, junto a alunos de 8 anos de idade, incluídas no ensino público, em relação a leitura, a escrita e a matemática. É uma prova que vem previamente elaborada do Governo Federal e é sempre aplica em novembro. Para a entrevistada a prova atribui a nota, e, “classifica” os alunos a partir da nota. Aqui, como podemos ver, temos, partindo do Governo Federal, uma espécie de avaliação assentada no tradicionalismo. Contraditório, não é mesmo?. Se a BNCC indica a necessidade de uma avaliação processual, como, o próprio Estado utiliza um instrumental assentado em quantificar erros e acertos dos alunos?.

T. também nos comentou sobre os projetos que realiza com as crianças, alguns deles, até desenvolvendo a interdisciplinaridade com professores de outras áreas para que haja o maior envolvimento de todos, e durante o desenvolvimento do processo, ela consegue avaliar de forma processual esses alunos. Quando o projeto é mais longo, nota-se o avanço dos alunos nas fases de desenvolvimento do projeto, porém ao longo do ano, surgem pequenos projetos em que eles podem desenvolver pequenas habilidades e para T. avaliar esses momentos seria uma forma mais adequada para essa faixa etária, em que eles podem ser espontâneos, demonstrando efetivamente que pouco a pouco estão aprendendo e tendo domínio do assunto que está sendo tratado. Sobre a questão do projeto, a entrevistada ainda observa que quando o projeto surge de algum assunto que partiu dos alunos, gera um interesse de envolvimento muito maior por parte deles, fazendo o trabalho se tornar mais interessante e produtivo.

O que, a nosso ver, indica uma conduta que atende ao posto pela BNCC, uma vez que enfatiza a metodologia de ensino interdisciplinar e também a possibilidade de avaliação processual, enquanto a ação pedagógica está em curso (MINISTÉRIO DA

EDUCAÇÃO E DA CULTURA, 2007). Também observamos que a entrevistada contempla a proposta de Hoffmann (2009) e, segundo a qual a avaliação não deve acontecer somente ao fim do processo pedagógico mas deve perpassar todas as ações pedagógicas, permitindo a reversibilidade das intervenções a depender das observações do docentes sobre a ação empreendida.

E, por fim, em relação a última questão que havíamos elaborado, sendo essa: “3) Você acredita que o método avaliativo evoluiu ao longo dos anos?”, T. colocou que considera que a avaliação mudou e evoluiu muito, e, comparou coma época em que era estudante, momento em que a avaliação era somente por meio de provas e nas quais era necessário que o aluno reproduzisse tudo que o professor disse em aula, uma espécie de “decoreba”(sic), do conteúdo. Para a professora hoje essas condutas estão cada vez menos presentes, e, têm sido cada vez mais vistas de forma negativa no espaço escolar. No entanto a professora destaca que a prova ainda é o método de avaliação mais usado no ensino fundamental. A professora demonstra assim muita clareza em relação a mudança e mostra-se como defensora de abordagens construtivistas de avaliação apesar de assumir condutas tradicionais e de destacar que ainda estão presentes nas atividades cotidianas.

Enfim, essa professora é representativa. Poderíamos realizar outras entrevistas e chegar ao mesmo resultado ou seja, de que há muitos professores que tem a influência de abordagens tradicionais e de intervenções construtivistas em relação à avaliação. O contexto estrutural, social, político também são fatores que influenciam a avaliação usada pelo corpo docente. Os ventos de mudança só podem ser eficazes se o contexto estrutural mudar também. De certa maneira, a entrevistada, a nosso ver, apresenta o que é possível e o que é desejável. Uma mudança de fato pressupõe ainda o engajamento de outros setores, de docentes e também daqueles que estão nos cargos que permitem planejamento prévio. De outra forma ainda estaremos sempre fortalecendo e reproduzindo condutas que deveriam ser superadas no cotidiano das escolas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o que se elucida no relato da professora T., nota-se que nem sempre as professoras concordam com todos os processos avaliativos que os alunos precisam passar, até mesmo por um controle do Estado sobre a escola, porém se faz necessário cumprir alguns passos, sobretudo na escola pública. A nosso ver observamos que a entrevistada é

bastante crítica em relação aos formatos de avaliação usados pelo Estado como meios para construção de indicadores uma vez que esses formatos desconsideram as especificidades de cada aluno.

Vimos ainda que a professora acredita que a avaliação processual seja mais adequada para as crianças menores, pois uma avaliação tradicional tem grandes influências, dado que pode ser um dia que a criança não está disposta ou algum outro inconveniente e ela não consiga expor realmente o que ela sabe. No entanto, a avaliação processual é recomendada pela BNCC como algo a ser realizado com todos os alunos e não apenas com alunos de menor idade. Para tanto, a professora apresentou boas argumentações em relação ao que é posto a avaliação processual, afinal, ao menos deflagrou entendimento sobre a importância dessa metodologia.

A nosso ver, a avaliação processual é de total relevância para se observar o desenvolvimento do aluno e a professora que participou de nosso trabalho a realiza através de desenvolvimento de projetos, em que pode abordar temas que agrada aos alunos e a partir disso direcionar para o objetivo que ela tem como conteúdo. De tal maneira, a conduta da professora encontra assento no que é indicado pela BNCC e por autores que estudam a avaliação na atualidade.

Sabemos que a professora tem orientações e regras para seguir, como as avaliações bimestrais e as avaliações externas, mas acreditamos que ela está realizando os projetos e as avaliações durante esse processo, criando significado da aprendizagem para o aluno, podendo assim abordar assuntos que serão cobrados nas avaliações determinadas pela escola. E, sabemos ainda que condutas como essa são importante no interior das unidades de ensino uma vez que mostram outras alternativas de avaliação para além da avaliação tradicional, convencional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Indagações sobre o currículo: currículo e avaliação**. Brasília, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOFFMANN, J.. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

MINAYO, M.C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: Imprensa Oficial, 2017.

MORAIS, A. G. de; LEAL, T.F.; ALBURQUERQUE, E.B. "Provinha brasil": monitoramento da aprendizagem e formulação de políticas educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17 n. 51 set.-dez. 2012

VASCONCELLOS, M. M. M. **Avaliação & Ética**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2009.